

SEGURANÇA: ALÉM DOS MANUAIS

A vida e o patrimônio, ainda hoje fazem parte das causas de insegurança. Na atualidade a manifestação de medo tem sido agendada pelos meios de comunicação de massa. Muitos deles adotam o aconselhamento como tática de convivência com a violência, a propósito das precauções a serem adotadas como forma de prevenção.

A revista *Veja*, em abril de 2001, publicou um número especial dedicado, exclusivamente, à *sua segurança*. O periódico, a partir da classificação de domínios como a família, a casa, o carro etc. consegue ser didático na tentativa de instruir o público leitor a conviver, da melhor maneira, com as várias possibilidades de ser alvo da violência. Entre as sugestões propostas podemos mencionar aquela que diz respeito ao momento em que o indivíduo está sendo roubado:

“Quando o assaltante saca uma arma, o que ele menos deseja é conversar. O mais provável é que esteja nervoso diante da vítima, exija obediência imediata e demonstre vontade de desaparecer rapidamente, antes de ser notado por eventuais testemunhas. O criminoso não costuma ter um grau razoável de instrução e muito menos bom senso. Pode estar embriagado ou drogado. Para piorar, é possível que deixe transparecer sentimentos que misturam revolta pela sua condição social, inveja e, ao mesmo tempo, a superioridade característica daqueles que empunham armas. Especialistas e policiais recomendam que jamais se deve reagir a um assalto. Mas apenas isso não basta para escapar com vida. Tentar conversar, também envolve um perigo. Você pode aumentar a irritação do ladrão e agravar o risco. Tentar fugir pode ser o que faltava para uma agressão ou um tiro. Além disso, gestos bruscos podem ser interpretados como uma

tentativa de reação ou de fuga. Recomenda-se que todos os movimentos sejam lentos e avisados com antecedência. Você pode tentar memorizar o rosto do seu algoz, para depois tentar auxiliar no retrato falado. Mas tome o cuidado de não encará-lo diretamente. Numa situação como essa, não há o que fazer”.

Não fazer nada, ficar parado. É verdade, é sensato. Não é essa a hora de enfrentar a violência. Mas diante da gravidade em que nos encontramos, conselhos como estes podem ser considerados os mais fundamentais?

As formas atuais para contornar o problema estão muito aquém da demanda. A própria produção de manuais de convivência com a violência indica o quanto a mesma está bem sedimentada. A crítica a ser feita a esse tipo de produto deve ser de duas ordens. Em primeiro lugar, há que se perguntar sobre a eficácia das medidas sugeridas que, em geral, leva em consideração uma vítima muito idealizada: ponderada, calma, quase que controlando a situação. Um outro plano diz respeito ao fato de que a revista aborda “soluções de convivência” e não de combate. Para além dos truques e adoção de equipamentos de segurança sofisticados, é necessária a promoção de políticas públicas comprometidas com o enfrentamento da questão. Valeria a pena que os meios de comunicação, preocupados com o problema, aliassem às receitas para o convívio com a violência a promoção de receitas mais fundamentais, capazes de colocarem os objetos de segurança, disponíveis no mercado, como acessórios opcionais na vida do cidadão, não esperando que esses aparatos realizem a mágica do bloqueio à violência. Afinal, entre as lições aprendidas, sabemos que os molhos de chave, as casas de pedra, as fortalezas fracassaram.